

Os antecedentes de uma era

O meu novo alojamento ficava numa rua que fora, durante cinquenta anos, uma das principais artérias da cidade. O tecto alto do quarto de rés-do-chão parecia apoiar-se em duas janelas excessivamente altas e estreitas e numa porta igualmente esguia ornada com maçanetas de bronze. Este quarto era constantemente habitado por um crepúsculo que desafiava o brilho do sol no exterior; só por volta do meio-dia recuava, momentaneamente, para os recantos mais profundos sob o docel do tecto, não tardando a reocupar triunfalmente todo o quarto. Tudo o que se podia avistar da minha janela era uma fileira de janelas idênticas no outro lado da rua, janelas cegas pela obscuridade que enchia o seu interior.

Mesmo rente ao parapeito e do lado de fora, ondulavam os chapéus dos transeuntes; era como se a cidade tivesse sido inundada e as águas arrastassem uma corrente de chapéus de homens e mulheres, a recordar os donos afogados. O constante arrastar de pés que me chegava através das janelas fechadas evocava-me continuamente um rio.

Um dia, entre a massa ondulante dos chapéus vi um absolutamente invulgar: um chapéu de coco. Passou pela janela e desapareceu. O rio escoava-se sem detenções. Pouco depois, tocaram à campainha e, ao abrir a porta, voltei a ver o chapéu de coco; estava na cabeça de um homem idoso que limpava meticulosamente os pés, apesar de o tempo ter estado seco durante toda a semana e de não existir tapete à entrada da porta. Tirou o chapéu e perguntou se podia entrar. Uma vez dentro, olhou em volta, puxou um jornal do bolso e disse: «Trouxe-lhe a solução.»

«Que solução?»

Passou-me o Jornal. Era da cor dos dominós de marfim velho. O tipo de impressão há muito que caíra em desuso; as letras apresentavam hastes anémicas e tanto os topos como a parte inferior eram cortados por finas linhas horizontais. De relance, apanhei o começo de uma notícia: «6 de Junho de 1906. Esta semana em Baden-Baden...» «A charada», apontou ele, dando pela minha incompreensão.

Noutra página estava a charada e, ao lado, a solução, escrita com letra cuidada e a lápis roxo, cuja ponta fora molhada.

«Estou a ver.»

«Consegui a solução completa.»

«Sim.»

"Vim cá trazê-la, tal como se indicava nas instruções. Podia tê-la enviado pelo correio, mas pensei que seria melhor trazê-la por mão própria. Mas isto não é a editora?", inquiriu, olhando para o mobiliário com desconfiança.

«Não, já não é. Agora é uma casa particular.»

«É pena. Já a resolvi por completo. Então agora onde fica a editora?»

Encolhi os ombros.

«Quando vim para cá, já era um apartamento.»

«E antes disso?»

«Não faço ideia.»

«Mas que pena! Resolvi-a sozinho, sem qualquer ajuda.»

«Talvez tivesse existido uma editora aqui», disse eu, «mas deve ter sido há muito tempo.»

Ele acenou com a cabeça.

«Sim, há cinquenta anos.»

O estúpido do homem começava a irritar-me.

«Mas que é que o senhor pretende com a sua charada? Não percebe que aconteceram muitas coisas desde então?»

«Não é culpa minha se não sou um intelectual», disse num tom ofendido, «mas resolvi-a toda sem ajuda de ninguém.»

Por momentos ficámos em silêncio. Só então reparei no título do jornal, o que me causou grande indignação.

«Terá a senhor consciência até que ponto esse jornal era um insidioso órgão da monarquia, servindo a política das minorias nacionais divisionistas?»

«Foi num domingo», disse ele. «O meu tio tinha vindo visitar-nos. Trazia o jornal no bolso. O dia estava quente e tínhamo-nos sentado no jardim. O meu pai e o meu tio decidiram jogar cartas. Eu também queria jogar, mas o meu pai não deixou. Disse que eu era novo demais e teria tempo quando fosse crescido. Despiram então os casacos e ficaram em colete. O meu tio pendurou o casaco numa cerejeira e quando começaram a jogar, tirei-lhe o jornal do casaco. Foi assim que comecei a resolver a charada.»

«E só acabou agora?» perguntei com ironia.

"Só. Era uma charada difícil. Conhece a palavra **adequado**? E havia outras ainda mais difíceis.»

«E então a Primeira Grande Guerra?»

«Estive na rectaguarda.»

«Você tem certa graça! Todas estas mudanças, a agitação social, a república, o referendo.»

«Acha que foi fácil? Em 1910, ainda nem sequer se sabia o que era um Zeppelin. Não conseguia imaginar. Só

depois de juntar «Zip» e "pelt» e «in» ? e isto levou muito tempo e deu-me um trabalhão ? só então é que começou a fazer-se luz no meu espírito.»

«O senhor é impossível. A crise económica de 1929, e você às voltas com a charada...»

«Eu posso não ser muito esperto. Talvez o senhor pense que tive muito tempo. Mas tinha de trabalhar, meu caro senhor, tinha de ganhar a minha vida. Só à noite me podia dedicar à charada.»

«E que sabe o senhor da Guerra Civil Espanhola? E de Hitler? Que fazia nessa altura?»

«Mas não lhe disse já? Resolvi a charada sem ajudas. As palavras estrangeiras eram mais que muitas. Não foi brincadeira nenhuma. Mas ainda tenho uma cabeça em cima dos ombros.

«Você é um adivinho.» Estava a troçar dele. «Não me diga que passou a Segunda Guerra Mundial a deslindar a charada. O senhor é um verdadeiro Einstein, só que não inventou a bomba atómica. Não sabia como.»

«A bomba é outra coisa. A responsabilidade não me cabe. Mas acha fácil para um velho, mesmo assim? Uma pessoa esquece-se de tudo quanto aprendeu na escola. E há tantas preocupações. Mas nunca me dei por vencido.»

Ri alto e despropositadamente. Ficou ofendido. Levantou-se e disse: «Não devia rir-se. Não inventei a bomba, mas a culpa não foi minha. Em 1914 estava na rectaguarda e, ainda antes de a guerra rebentar, fui atingido na cabeça por uma bala que fez ricochete. Isto aconteceu em Montenegro. O senhor está a rir-se, mas o pensamento humano deve ser respeitado. Eis a charada. O pensamento humano não morreu.»